

A formação de nomes gentílicos com o sufixo *-ista* no português: algumas questões.

(The formation of demonyms with the *ista*-suffix in the Portuguese language: some issues)

Nilsa Areán-García¹

¹Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH USP)

nilsa_577@yahoo.de, nilsa.garcia@usp.br

Abstract: Amongst the classifications of the occurrence of the *ista*-suffix in the Portuguese language found in dictionaries and grammar books, it can be observed, in general, that either there is no mention of the formations of demonyms or the phenomenon is considered, most of the times, as being of little or no importance. However, this phenomenon is more frequent in the Brazilian and African Portuguese norms than in the European Portuguese and it doesn't occur in other similar languages. Thus, this article questions some of these issues and other uncertain aspects of the same problem by establishing some parallel with existing studies in the subject in order to comprehend the behaviour of this suffix in the Portuguese language.

Keywords: *Word formation; morphology; demonym; ista-suffix.*

Resumo: Nota-se que nas classificações encontradas do sufixo *-ista* para a língua portuguesa, em geral, não há menção das formações gentílicas, ou, quando há, o fenômeno é citado e considerado, na maioria das vezes, como de pouca ou nenhuma importância. Não obstante, tal fenômeno mostra-se produtivo no português brasileiro e africano, ainda que atualmente não o seja no europeu nem em outras línguas, mesmo nas mais próximas como o galego. Desse modo, neste artigo são propostas algumas questões em aberto e pontos obscuros, bem como paralelos com estudos já feitos na área, para procurar entender melhor o comportamento do sufixo na língua.

Palavras-chave: *Formação de palavras; morfologia; gentílicos; sufixo -ista.*

Introdução

Esta pesquisa, centrada no estudo do sufixo *-ista*, foi possível graças ao apoio financeiro recebido da FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. O presente estudo, seguindo a linha metodológica apresentada por Areán-García em 2007, surgiu no âmbito de pesquisas do Grupo de Morfologia Histórica do Português, GMHP,¹ que atualmente está voltado para a análise da derivação por sufixação, aliando a sincronia à diacronia, e procurando estabelecer, para cada sufixo e neste trabalho o foco está no sufixo *-ista*, uma genealogia semântico-funcional ocorrida e, porventura ainda em curso, na língua portuguesa. De acordo com estas premissas, buscou-se, neste trabalho, estabelecer uma descrição do sufixo em questão desde as suas origens, destacando-se as suas características semântico-funcionais encontradas e contrapô-las às características gentílicas na formação de palavras.

Desse modo, conforme Casevitz, o sufixo *-ista* é a forma que foi adquirida no português proveniente da terminação grega *-ιστής* usada em nomes de agentes a partir de verbos terminados em *-ζω* no dialeto jônico-ático e acabou sendo incorporada à

¹ <http://www.usp.br/gmhp/>

koiné grega a partir do século III a.C. Segundo o autor, posteriormente passou a se associar também à terminação grega –ισμός, denotando os agentes para a mesma base. Com estas conotações semânticas foi importada para o latim sob a forma –*istēs*, e, com o processo de expansão do Império Romano, totalmente incorporada às línguas românicas. Sabemos que não apenas no português, mas em várias outras línguas a terminação aparece em forma de sufixo, apresentando-se, na maior parte dos casos, na função formadora de agentivos. Conforme as gramáticas históricas consultadas de: Said Ali, da língua portuguesa (1930); Ferreiro, da língua galega (2001); García de Diego, da língua espanhola (1951); Tekavčić, da língua italiana (1972) - as palavras mais antigas formadas com –*ista* que aparecem nas línguas modernas devem-se ao latim medieval e sua popularização à ação da Igreja, ressaltando que ainda que tenham sido difundidas no vulgo, não apresentaram produtividade na produção de novos derivados nesse período. Segundo tais gramáticos, esta disposição só veio a mudar nos séculos XVIII e XIX, principalmente sob influência dos movimentos intelectuais franceses. Segundo Said Ali em sua gramática histórica, –*ista* está associado ao sufixo –*ismo*, e sua primeira conotação semântica surge para designar os partidários de doutrinas e sistemas formados pelo sufixo ao qual se associa, perdurando tal uso até a atualidade na língua portuguesa. Segundo o autor, na modernidade, o sufixo continua a criar nomes ou a importá-los do estrangeiro para designar, principalmente, pessoas com ocupação relacionada ao objeto que serve como base da derivação.

No entanto, ao estudarmos o sufixo –*ista*, considerando que a sua característica mais desenvolvida é a formação de nomes de agentes, deparamo-nos com algumas questões oriundas da interessante formação lexical no campo semântico de nomes gentílicos desenvolvida com o sufixo no português, direcionamos, então, esta pesquisa à análise do estado atual de produtividade deste fenômeno e procuramos levantar eventuais hipóteses para tal ocorrência.

Levantamento de dados

Assim, procurando nas gramáticas e dicionários de várias línguas em que há ocorrências de palavras formadas com o sufixo, notadamente de âmbito internacional, tais como: japonês, hebraico, basco, russo, polonês, alemão, inglês, francês, italiano, catalão, valenciano, castelhano, galego além do português, pôde-se encontrar uma formação gentílica com o sufixo no francês-belga e outra no castelhano, as demais formações encontradas pertencem todas à língua portuguesa.

No trabalho de Santiago Lacuesta e Bustos Gisbert publicado em 2000, afirma-se que formações gentílicas com o sufixo –*ista* parecem ser improdutivas em castelhano, mas aponta *llerista*² como uma forma gentílica da localidade de Llera - situada na Extremadura espanhola, cerca de Badajóz, aproximadamente a 100 Km da fronteira com Portugal, ainda que a forma mais usada seja *llerense*. Neste caso, acredita-se que a forma gentílica encontrada com o sufixo –*ista*, pode ser atribuída a uma influência da língua portuguesa, dada a proximidade fronteiriça e à pouca frequência de uso com esta aceção.

² Com muito maior frequência se refere aos seguidores da política (1966) do ex-presidente da Colômbia: Carlos Lleras Restrepo, que ao gentílico de Llera; nas pesquisas feitas na *internet*.

Por outro lado, segundo Reale, em seu artigo de 2004, e Migliorini, em seu trabalho de 1968, a função primeira e uma das mais antigas do sufixo *-ista* é designar um agente com uma competência particular em uma determinada doutrina, como por exemplo nas palavras *economista* e *lingüista*; entretanto, no francês esta conotação semântica, segundo os autores, foi estendida quando da criação das universidades. Por exemplo, *sorbonnistes* passou a designar os estudantes da Universidade de *Sorbonne* e, analogamente, *louvanistes* os estudantes da Universidade Católica de Louvain - cidade situada na Bélgica, que, por outra extensão de sentido e não devido ao sufixo, passou a designar, no francês-belga os habitantes da localidade associada. Concluimos, então, que o sufixo *-ista* não é produtivo na formação de gentílicos na língua francesa, pois apresenta uma única palavra cuja aceção semântica deve-se à extensão de sentido e não propriamente ao processo de derivação com *-ista*.

Na mesma direção, Ferreiro observa, em sua gramática histórica galega, que os vocábulos *paulista* e *santista*, consideradas pelo autor como as únicas formações gentílicas com o sufixo *-ista* encontradas no galego, são estrangeirismos provenientes da língua portuguesa falada no Brasil, considerando, portanto que também não há produtividade com o sufixo *-ista* neste campo semântico na língua galega.

Já, na língua portuguesa, Vasconcelos afirma que “este sufixo, que significa agente, serve, de modo bastante estranho, para formar alguns étnicos” (VASCONCELOS, 1933, p. 150). De acordo com a dissertação de mestrado de Miranda (1980), as formações gentílicas com *-ista* são improdutivas na língua portuguesa, por isso dedica-se ao estudo das formações agentivas. Segundo o dicionário Houaiss, “*-ista* funciona como sufixo gentílico de forma pouco freqüente” (HOUAISS, 2001). Entretanto, na sétima aceção dada pelo dicionário Novo Aurélio para o sufixo *-ista*, encontramos-lo como formador de nomes gentílicos e, no mesmo verbete, são dadas as palavras *paulista* e *sulista*, como exemplos desta formação.

De fato, observando-se a lista de 2.604 palavras terminadas em *-ista* extraída do dicionário Houaiss, pode-se perceber que poucas há cuja aceção seja gentílica. Na verdade foram encontradas apenas vinte e cinco palavras, ou seja, um por cento da lista, que apresentam a designação gentílica e são formadas, em geral, a partir de nomes que designam topônimos. Nesta lista foram encontrados os seguintes vocábulos: *abre-campista* para designar o natural ou habitante da cidade de Abre Campos, em Minas Gerais, forma concorrente de *abre-campense*; *alfamista* para o natural ou habitante do bairro de Alfama, em Lisboa; *américo-campista* designando o natural ou habitante de Américo de Campos, no Estado de São Paulo; *asa-nortista* significando o natural ou habitante do bairro Asa-Norte, localizado em Brasília; *asa-sulista*, analogamente, é o natural ou habitante do bairro Asa-Sul, localizado em Brasília; *cabista*, significando o natural ou o habitante de Arraial do Cabo, no Estado do Rio de Janeiro; *campista*, o da cidade de Campos dos Goytacazes, no Estado do Rio de Janeiro; *continentista*, para designar o natural ou habitante do Estado do Rio Grande do Sul,³ concorrente com a forma *continentino*; *esplonista* é o natural ou habitante da antiga cidade de Esplonos, situada na Dalmácia; *geralista*, é gentílico que designa o do Estado de Minas Gerais, concorrente com a forma *mineiro*, mais usada, de acordo com o dicionário Houaiss; *lajista*, é o da cidade de Lajes, na Bahia, forma concorrente com *lajense*; *macaísta* é o

³ O antigo nome da região era *Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul*, desde o início de seu povoamento no século XVIII até fins do século XIX.

da cidade de Macau, na Ásia, cuja forma, segundo o dicionário Houaiss, é obsoleta, em prol de macauense; *malaquista* é nome gentílico dado ao da cidade de Malaca, na Ásia, forma pouco usada, já obsoleta e concorrente com malaquês e malaqueiro, de acordo com o dicionário Houaiss; *malauísta* é o natural ou habitante da República do Malauí, na África, forma concorrente com: malauiano, malauense e malauíta; *nortista*, é o natural ou o habitante da região Norte do Brasil; *paranista*, é o gentílico referente ao Estado do Paraná, forma concorrente com paranaense, que é, segundo o dicionário Houaiss, atualmente a mais usada; *paulista*, é o gentílico designador do habitante ou natural do Estado de São Paulo, forma distintiva de paulistano que designa o gentílico da Cidade de São Paulo; *roseirista* é o gentílico da cidade de Roseira, no Estado de São Paulo; *santista* é o da cidade de Santos, no Estado de São Paulo; *são-bentista* é o natural ou habitante da cidade de São Bento Abade, no Estado de Minas Gerais; *são-felista*, é o de São Félix, no Estado da Bahia; *sertanista* é o natural ou habitante do sertão, segundo o dicionário Houaiss, é uma forma pouco usada com esta acepção; *sulista*, analogamente a nortista, designa o natural ou habitante da região Sul do Brasil; *tupi-paulista* é o gentílico da cidade Tupi Paulista, no Estado de São Paulo; *união-paulista* é o natural ou habitante da cidade União Paulista, no Estado de São Paulo.

Procurando em outras fontes, encontrou-se, na obra de Bergström e Reis de 2001, o vocábulo *ambaquista* como a forma que designa o gentílico de Ambaca - região da província de Cuanza Norte, em Angola, ainda que a palavra não apareça no dicionário Houaiss, tal termo consta no dicionário Porto Editora da Língua Portuguesa como: “natural de Ambaca, região de Angola” (PORTO EDITORA, 2008); e no dicionário da Língua Portuguesa *Online*, aparece como: “indivíduo pertencente ao grupo dos Lundas da região de Ambaca, em Angola” (PRIBERAM, 2008). Nesta direção, o artigo de Vasconcelos de 1933 também aponta para mais três formações gentílicas a partir do sufixo *-ista* em localidades portuguesas: *jarmelista* para designar o natural ou habitante do distrito de Jarmelo pertencente ao concelho da Guarda de Miranda; *freixinista*, o da vila de Freixo de Espada à Cinta pertencente ao concelho de Cinta; e *carçonista* para designar o natural ou habitante do povoado de Carção pertencente ao concelho de Vimioso. Ainda que, somente uma destas formações apontada por Vasconcelos, *freixinista*, conste no dicionário Porto Editora da Língua Portuguesa como forma gentílica, e o Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa ⁴ registre *freixiense*, mas também acolha *freixenista*, *freixonista* e *freixonita*. A forma *jarmelista* consta no dicionário Porto Editora da Língua Portuguesa como: “bovino ou designativo de bovino oriundo da região montanhosa do Jarmelo, no distrito português da Guarda, afim dos bovinos da raça mirandesa” (PORTO EDITORA, 2008), mas aparece como função gentílica em dois sítios da internet. Já a forma *carçonista* não foi encontrada no dicionário Porto Editora da Língua Portuguesa e tampouco no dicionário da Língua Portuguesa *Online*, entretanto foram encontrados quatro sítios portugueses nos quais a sua forma designa a acepção gentílica.

Consequente, encontraram-se, em sítios na *internet*, oito formações gentílicas com o sufixo *-ista* em localidades de Angola e Moçambique, cuja língua oficial é o português. As oito formações africanas encontradas foram: *buenguista* para o natural ou habitante da região de Buengas na província de Uíge em Angola; *cabindista* para

⁴ *Apud* <http://www.vilareal.com.pt/voznordeste/>

designar o gentílico da província angolana de Cabinda; *dandista* para quem é proveniente do município de Dande na província angolana de Bengo; *dondista* como designação do natural ou habitante da cidade de Dondo em Moçambique; *jambista* para o do município de Jamba na província angolana de Huíla; *huambista* para o gentílico da província angolana de Huambo; *lubanguista* para o do município de Lubango na província angolana de Huíla; *pembista* para o proveniente da cidade de Pemba em Moçambique.

As origens do fenômeno

A primeira questão que nos parece interessante é tentar trilhar o motivo pelo qual há o desenvolvimento de formações gentílicas com o uso do sufixo *-ista* no português, uma vez que nas outras línguas em que o sufixo aparece tal característica não se desenvolveu, mesmo nas línguas mais próximas como o castelhano e o galego.

Pesquisando as origens do fenômeno, assinala Bergua Cavero, em seu artigo de 2002, que dos sufixos modernos *-ita*, *-ista* e *-ota*, provenientes do sufixo grego formador de agentes *-τής*, ainda é obscura a causa da proliferação do uso da terminação *-ita* em grego e, posteriormente, no latim eclesiástico, bem como em várias línguas modernas já como sufixo, para a designação de gentílicos. Segundo o autor, a terminação *-ίτης* já era usada no grego arcaico e clássico para a criação de palavras gentílicas, das quais, *sibarita* e *abderita* são uma importação feita diretamente desse período para o latim e posteriormente para as línguas modernas. No entanto, a proliferação de *-ίτης* na formação de nomes gentílicos no latim e, conseqüentemente, nas línguas românicas, para o autor, é devida à tradução bíblica da Septuaginta. Já, segundo o dicionário Houaiss, o sufixo *-ita* ocorre, atualmente, em grande número de helenismos e greco-latinismos, tais como: *canaanita*, *eremita*, *ismaelita*, *israelita*, *levita*, *moabita*, *sadomita*, *semita*, *sibarita*; já assimilados na língua portuguesa e em palavras de forma moderna análoga, tais como: *jacobita*, *luddita*, *menonita*, *pré-rafaelita*; designando gentílicos ou seguidores de doutrinas e/ou movimentos filosóficos, religiosos, artísticos, políticos etc.

Quanto ao atual sufixo *-ota*, sabemos que hoje também é um formador de nomes gentílicos, ainda que na sua origem primeira grega *-τής* sua função possa ter sido agentiva. Atualmente, de acordo com o dicionário Houaiss, o sufixo ocorre na língua portuguesa designando proveniência ou nomes gentílicos em cultismos de origem grega e greco-latinismos, e como tal, em seu inventário, encontramos apenas as nove palavras a seguir: *cairota*, *cipriota*, *epirota*, *hilota*, *italiota*, *nilota*, *patriota*, *siciliota*, *suliot*. Também, na opinião de Rainer, são poucas as palavras gentílicas com o sufixo *-ota* encontradas na língua castelhana.

Sabemos que, em geral, as línguas semitas têm como característica o uso da mesma estrutura para a formação agentiva e gentílica. Assim, segundo Areán-García, na língua árabe, o sufixo *ي*,⁵ próprio para a formação de agentivos nas derivações denominais, é o mesmo sufixo formador de nomes gentílicos, como por exemplo, em: لدنان ⁶ → دناني.⁷ De acordo com o observado no dicionário Zlochevsky de 1988, em

⁵ Transliteração: /ī/.

⁶ Tradução: “Líbano”. Transliteração: /Lubnān/.

⁷ Tradução: “libanês”. Transliteração: /lubnānī/.

hebraico ocorre o mesmo fenômeno, ou seja, a formação denominal agentiva é designada por meio da terminação י, ⁸ com a qual também se formam os gentílicos da língua, por exemplo: עברי.⁹

Sabemos, também, que na Antiguidade Clássica, a cultura grega manteve um estreito contato com as culturas semitas e, em particular, as línguas entre si. Este estreito contato lingüístico entre o grego e as línguas semitas, principalmente o árabe, manteve-se no Oriente, pelo menos até a tomada de Constantinopla pelos turco-otomanos e a conseqüente queda do Império Bizantino. Uma hipótese conjecturável é a influência semita no desenvolvimento do fenômeno lingüístico observado já no grego arcaico, com os atuais sufixos *-ita* e *-ota*. A afirmação sustentada por Rainer, segundo a qual as formações gentílicas com o sufixo *-ita* na língua espanhola relacionadas semanticamente ao Antigo Oriente são abominadas pelos puristas em prol da formação com *-í*, por exemplo, em *saudita/saudí*; corrobora para o fortalecimento da hipótese. No entanto, para a sua sustentação seriam necessárias análises filológicas em *corpora* da língua grega e das línguas semitas nos ditos períodos, observando o fenômeno lingüístico. Por outro lado, esta hipótese aqui proposta não explica a formação de gentílicos com o sufixo *-ista* na língua portuguesa, apenas poderia sugerir o seu potencial desenvolvimento, neste campo semântico, dada a sua origem grega *-της*, comum também aos atuais sufixos gentílicos *-ita* e *-ota*.

A datação dos dados obtidos

Desse modo, tentamos estabelecer as datações dos vocábulos encontrados na língua portuguesa para, então, tentar traçar paralelos lingüísticos e extralingüísticos que pudessem contribuir com a pesquisa. Assim, conseguimos definir, de acordo com as datações estabelecidas no dicionário Houaiss, que pertencem ao século XVI, os gentílicos *macaísta* (1557), *paulista* (1554) e *santista* (1543); pertence ao século XVII, o gentílico: *campista* (1673); pertence ao século XVIII, o gentílico *alfamista* (1742); pertencem ao século XIX: *abre-campista* (1850), *esplonista* (1881), *geralista* (1899), *nortista* (1899), *são-felista* (1857), *sertanista* (1877) e *sulista* (1899); pertencem ao século XX: *américo-campista* (1926), *cabista* (1924), *roseirista* (1944), *são-bentista* (1938), *união-paulista* (1964). Segundo o dicionário Houaiss, não estão datados, mas pelo contexto histórico pode-se demarcar um período no qual se enquadram, os seguintes gentílicos: *ambaquista*, depois de 1611, data da conquista portuguesa da região de Ambaca, na África; *asa-nortista*, depois de 1960, data em que Brasília foi fundada; *asa-sulista*, depois de 1960, analogamente data em que Brasília foi fundada; *continentista*, depois do século XVIII, data da criação da Província de Continente de São Pedro do Rio Grande do Sul; *lajista*, depois de 1864, data da criação da cidade de Lajes na Bahia, entretanto, dado que a forma mais usada hoje é a sua concorrente, supomos que a datação mais provável seja a do século XIX; *malaquista*, depois de 1511, data da conquista portuguesa da cidade de Malaca, na Ásia; *malauísta*, depois de 1964, data da independência da República do Malauí; *paranista*, depois de 1853, data da criação da Província do Paraná, no entanto, dado que a forma mais usada hoje é a sua concorrente, supomos que a datação mais provável seja a do século XIX. Não se conseguiram as datações para os seguintes gentílicos portugueses: *carçonista*, *freixinista*

⁸ Transliteração: /í/.

⁹ Tradução: “hebreu”. Transliteração: /ibrí/.

e *jarmelista*. Tampouco foi possível conseguir as datações para os seguintes gentílicos africanos: *buenguista*, *cabindista*, *dandista*, *dondista*, *jambista*, *huambista*, *lubanguista*, *pembista*, no entanto, dado que foram encontrados por meio da *internet* e que não são atestados em dicionários portugueses ou brasileiros da língua, pode-se supor que tais formações sejam recentes e que pertençam ao século XX.

Em resumo, obtivemos, no século XVI, as quatro ocorrências seguintes: *macaísta*, *malaquista*, *paulista* e *santista*; duas ocorrências no século XVII: *ambaquista* e *campista*; duas ocorrências no século XVIII: *alfamista* e *continentista*; nove ocorrências no século XIX: *abre-campista*, *esplonista*, *lajista*, *geralista*, *nortista*, *são-felista*, *sertanista*, *sulista* e *paranista*; dezessete ocorrências no século XX: *américo-campista*, *asa-nortista*, *asa-sulista*, *buenguista*, *cabindista*, *cabista*, *dandista*, *dondista*, *jambista*, *huambista*, *lubanguista*, *malauísta*, *pembista*, *roseirista*, *são-bentista*, *tupi-paulista* e *união-paulista*. Contudo, restam ainda três ocorrências sem datação definida: *carçonista*, *freixinista*, *jarmelista*.

Observando os dados obtidos, pudemos notar que houve uma produtividade razoável no século dos descobrimentos marítimos portugueses, século XVI, do sufixo *-ista* na formação de gentílicos. Esta produtividade caiu nos dois séculos seguintes e voltou a crescer no século XIX, tornando-se, o sufixo, produtivo para a formação gentílica no português brasileiro e africano do século XX, conforme pode ser apreciado no gráfico e quadro dispostos a seguir.

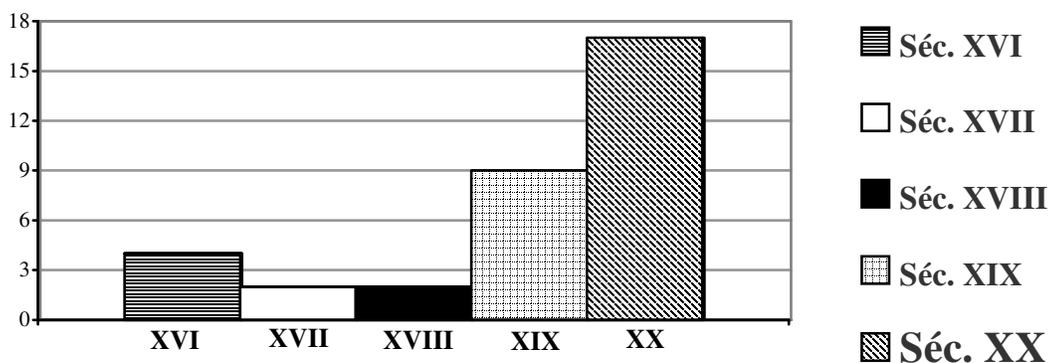


Gráfico 1. Datação dos gentílicos sufixados em *-ista*

Quadro 1. Datação dos gentílicos sufixados em *-ista*

Século	Gentílicos Encontrados
XVI	<i>macaísta</i> , <i>malaquista</i> , <i>paulista</i> e <i>santista</i>
XVII	<i>ambaquista</i> e <i>campista</i>
XVIII	<i>alfamista</i> e <i>continentista</i>
XIX	<i>abre-campista</i> , <i>esplonista</i> , <i>lajista</i> , <i>geralista</i> , <i>nortista</i> , <i>são-felista</i> , <i>sertanista</i> , <i>sulista</i> e <i>paranista</i> .
XX	<i>américo-campista</i> , <i>asa-nortista</i> , <i>asa-sulista</i> , <i>buenguista</i> , <i>cabindista</i> , <i>cabista</i> , <i>dandista</i> , <i>dondista</i> , <i>jambista</i> , <i>huambista</i> , <i>lubanguista</i> , <i>malauísta</i> , <i>pembista</i> , <i>roseirista</i> , <i>são-bentista</i> , <i>tupi-paulista</i> e <i>união-paulista</i>
s.d.	<i>carçonista</i> , <i>freixinista</i> , <i>jarmelista</i> .

Questões propostas

Uma hipótese para o início da formação de gentílicos com o sufixo aponta para o fato de *-ista* estar ligado à Igreja nos séculos XII, XIII e XIV. Sabe-se, também, que uma das categorias semânticas do *-ista*, como extensão da categoria de adepto ou seguidor de uma doutrina, é designar os religiosos pertencentes a uma determinada congregação e a um determinado seminário, mosteiro ou convento, por exemplo, do convento de Santa Maria → maristas. Então de pertencente ao “convento, seminário ou mosteiro de X” forma-se *X-ista*. Pode-se supor que *X-ista* tenha começado a designar as pessoas que moravam próximas ao “convento, seminário ou mosteiro de X”, mas que eram leigos, analogamente ao relatado por Reale e por Migliorini para explicar a acepção gentílica de *louvaniste* no francês-belga por extensão de sentido. Assim, dado que “convento, seminário ou mosteiro” é uma referência toponímica comum nos países de língua portuguesa, pode-se supor que se generalizou para “natural ou habitante do topônimo X”, mesmo que o topônimo não mais tivesse o vínculo religioso, e essa acepção passou a ter uma boa produtividade na época dos descobrimentos e conquistas, pela necessidade de designar os habitantes de novas localidades descobertas, conquistadas e colonizadas. Tomando como exemplos: *paulista* que significa religioso da ordem de São Paulo e *santista*, que também significa religioso do mosteiro de Todos os Santos, ambos já têm atualmente a acepção gentílica como a principal dada pelos dicionários. É interessante notar que nos tempos atuais, em Portugal, *tomarista* significa o religioso do Convento de Tomar, ainda que seja uma forma jocosa e popular para se referir aos moradores e naturais da Cidade de Tomar, onde está situado o convento da ordem de Cristo de Tomar, mas não consta como tal nas acepções dos dicionários consultados. Se a forma *tomarista* virá a perder seu caráter jocoso e se tornar um gentílico aceito pelos dicionários e gramáticas ou não, é uma questão difícil de ser prevista, pois depende da preferência dos falantes portugueses e até mesmo da frequência em que é usada atualmente neste âmbito.

Além disso, pode-se propor como hipótese que a necessidade de novas formas gentílicas para designar os naturais ou habitantes das novas terras, nos séculos dos descobrimentos marítimos (século XVI e século XVII), auxiliasse o sufixo *-ista*, por extensão de sentido, a sair do âmbito religioso e migrar à acepção gentílica, analogamente ao que outrora ocorrera, ainda no grego arcaico, quando do desenvolvimento da acepção semântica de gentílicos pelo sufixo *-ita*, que também designa adeptos e seguidores de doutrinas. Além da origem comum de *-ista* e *-ita*, cabe notar a semelhança fonética que os aproxima, corroborando para que o sufixo *-ista*, que já significava adepto e partidário como *-ita*, passasse a designar também os gentílicos, à semelhança de seu co-originário. No entanto, uma nova questão surge: *-ista* e *-ita* existem na língua castelhana, tal qual no português, e no Império espanhol também houve o processo de descobrimentos marítimos, fundação de novas cidades, além de referências religiosas como topônimos, entretanto parece não ter havido a ocorrência deste fenômeno no castelhano, fato que poderia caracterizar um contraste entre as duas línguas marcado na época. Novamente, propomos análises filológicas em *corpora* da língua castelhana e portuguesa pertencentes aos períodos de descobertas marítimas, para o estudo do fenômeno lingüístico observado.

Convém lembrar que das quatro ocorrências gentílicas pertencentes ao século XVI, somente as brasileiras perduraram até os dias de hoje, as formas asiáticas declinaram e foram substituídas por formas concorrentes: *macauense* e *malaquês*,

apresentando-se aqui outra interessante questão: porventura seria o português do Brasil mais conservador que o da Ásia quanto à manutenção morfológica de sufixos? Mais uma vez, acredita-se que as análises filológicas em *corpora* da variedade da língua portuguesa do Brasil e das localidades asiáticas ajudariam a esclarecer as questões propostas.

Conforme o que pudemos analisar, as palavras cujos topônimos-base referem-se a localidades na Ásia, *malaquista* e *macaísta*, são obsoletas. Já, as palavras cujas bases referem-se a topônimos em Portugal são apenas quatro: *alfamista*, *carçonista*, *freixinista* e *jarmelista*; das quais somente uma apresenta datação, das demais, quando muito, conseguiu-se a datação do topônimo-base, que varia desde o século XIII, para Freixo de Espada à Cinta, até o século XVIII. Pudemos perceber também que estas quatro palavras são pouco frequentes na acepção semântica estudada, deste modo, consideramos nesta pesquisa que os gentílicos formados com o sufixo *-ista* atualmente não apresentam produtividade no português asiático e tampouco no português europeu. Assim, das trinta e sete palavras gentílicas sufixadas com *-ista*, duas são formadas a partir de topônimos asiáticos, quatro de topônimos portugueses, onze de topônimos africanos e dezanove de topônimos brasileiros, o que nos induz a concluir que tal fenômeno é mais produtivo no português brasileiro e africano que no português europeu e asiático.

Com relação ao Brasil, no século XIX, com a libertação dos escravos e com o processo crescente de imigração de estrangeiros, que se estendeu por todo o século XX, houve o povoamento de novas regiões e, conseqüentemente, a fundação de vilas e cidades para a residência destes povos e seus descendentes, justificando, assim, a crescente necessidade de empregar-se novas formas gentílicas, tais como as sufixadas em *-ista* e, de certa forma, influenciadas pela presença dos vocábulos *santista*, *campista* e *paulista* com a designação gentílica representativa de localidades de crescente importância no período. Especificamente, no século XX no Brasil, os projetos e medidas governamentais de povoamento do interior do território nacional, mudança da capital para o interior do país e outros investimentos, contribuíram para que o sufixo *-ista* continuasse com uma boa produtividade a significar “natural ou habitante do topônimo X” para as novas cidades e/ou localidades fundadas a partir de então, já que sua acepção neste campo semântico é tomada de uma base que, na maioria dos casos, é o nome de uma cidade e/ou povoado. Convém lembrar ainda que no português, segundo Said Ali, o sufixo *-ista* passa ser produtivo na formação nominal a partir do século XIX, corroborando também para que seja mais produtivo em particular na formação de nomes gentílicos a partir deste período.

No entanto, do visto até o momento não se explicam as formas gentílicas com o sufixo *-ista* no português africano do século XX. Sabemos que com o processo de independência de Angola e Moçambique, ocorrido em 1975, muitas localidades cujos topônimos eram nomes de origem portuguesa foram alterados para nomes africanos e com isso mudou-se também sua designação gentílica. Mas, o que não está claro é o motivo das novas designações serem formadas justamente com o sufixo *-ista*. Uma primeira hipótese conjecturável é que foneticamente o sufixo estudado se acomodaria melhor a determinadas bases africanas que os demais sufixos da língua formadores de gentílicos. Outra hipótese plausível é o uso do sufixo *-ista* como uma marca para a diferenciação em relação às formações à moda do português europeu, uma vez que neste o sufixo não é, atualmente, produtivo na formação nominal gentílica. Por outro lado,

pode ser levantada novamente a questão da importância exercida por São Paulo e Santos também no mundo lusófono e, conseqüentemente, a veiculação dos vocábulos *paulista* e *santista* poderia ter influenciado as novas formações além de suas fronteiras nacionais, notadamente em Angola e Moçambique, já que na língua próxima, o galego, tais vocábulos, segundo Ferreiro, ingressaram como estrangeirismos provenientes do português brasileiro, dada a importância dos topônimos a que se referem. Não obstante, os dados de que dispomos em dicionários e gramáticas atuais da língua são insuficientes para a compreensão da ocorrência do fenômeno no português africano e acreditamos que um estudo mais aprofundado no âmbito da língua falada e veiculada pelos vários meios de comunicação existentes, seria uma contribuição essencial nesta pesquisa lingüística.

Conclusão

Ainda que:

por serem poucos os nomes em *-ista* a que está anexa a idéia de residência, o mais natural é que, assim como o sufixo *-eiro* usurpa (entre outras funções) as de agente e de étnico (...), assim o *-ista*, que já significava agente, se agregou a idéia étnica, ficando pois ele, a estes dois respeitos, sinônimo de *-eiro*. (VASCONCELOS, 1933, p. 151)

A afirmação de Vasconcelos, infelizmente, não consegue esclarecer todas as indagações e questionamentos aqui propostos e, portanto, necessitamos de estudos filológicos e lingüísticos mais aprofundados na área para respondê-los.

Como notamos, muitas são as questões que se colocam em evidência e com este breve estudo, pôde-se inferir somente que a formação de nomes gentílicos com o sufixo *-ista* é uma característica tipicamente do português, ainda que tenha aparecido uma ocorrência no castelhano e uma única no francês-belga. Pôde-se inferir também que atualmente tal característica não tem se mostrado produtiva no português europeu como outrora já o foi, no entanto, mostra-se relativamente produtiva no português brasileiro e no africano. No entanto, ainda há muito para ser estudado, se pensarmos nas complexas questões que assinalamos.

A preferência dos falantes ou o motivo de uma forma se sobrepor à outra é uma questão muito delicada e que requer um estudo detalhado e um maior aprofundamento. Acreditamos que a datação de ocorrências gentílicas com sufixos concorrentes e estudos de suas classificações semântico-funcionais, bem como minuciosas análises filológicas em *corpora*, aliados a estudos extralingüísticos aprofundados, ajudariam a esclarecer algumas das questões aqui propostas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AREÁN-GARCÍA, N. *Estudo Comparativo de Aspectos Semânticos do Sufixo '-ista' no Português e no Galego*. 2007. Volume 1. 328 f. Dissertação (Mestrado em Letras. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- BERGSTRÖM, M.; REIS, N. *Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Notícias / Instituto Camões, 2001.
- BERGUA CAVERO, J. Notas sobre sufixos de origen griego em espanhol. *Epos*, UNED, Madri, n. 18, 2002, p. 413-199.
- CASEVITZ, M. *Le vocabulaire de la colonisation en grec ancien*. Paris: Klincksieck, 1985.
- PRIBERAM. *Dicionário da língua portuguesa online*. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em: 10 abr. 2008.
- PORTO EDITORA. *Dicionário Porto Editora da língua portuguesa*. Disponível em: <<http://www.portoeditora.pt/>>. Acesso em: 10 abr. 2008.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRO, M. *Gramática histórica galega*. Noia: Laivento, 2001.
- GARCÍA DE DIEGO, V. *Gramática Histórica Española*. Madrid: Gredos, 1951.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. (Org.). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM, v. 1.0.
- MIGLIORINI, B. Italianista. *Profili di parole*, Florença, Le Monnier, 1968, p. 112-114.
- MIRANDA, N. S. *Agentivos denominais e deverbais: um estudo da produtividade lexical em português*. 1980. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística. Área de concentração: Linguística e Filologia.) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- RAINER, F. La derivación adjetival. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madri: Real Academia Española / Espasa-Calpe. 2000, vol. 3, p. 4595-4682.
- REALE, L. M. Italianista: chi era costui? Un preludio a Internet. Parola di Bruno Migliorini. *Italianistica Online: portale di studi italianistici ideato e prodotto da Luigi M. Reale*. Florença, Italianistica e Italianistica in Rete, jan. 2004. Disponível em: <<http://www.italianisticaonline.it/2004/def-migliorini/>>. Acesso em: 14 abr. 2008.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1930.
- SANTIAGO LACUESTA, R.; BUSTOS GISBERT, E. La derivación nominal. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madri: Real Academia Española / Espasa-Calpe. 2000, vol. 3, p. 4505-4594.
- TEKAVČIĆ, P. *Gramática storica dell'italiano*. Volume III: lessico. Bolonha: Società editrice il Mulino, 1972.
- VASCONCELOS, J. L. Nomes étnicos em português. *Revista da Universidade de Coimbra*, Coimbra, v. XI, 1933, p. 139-157.
- ZLOCHEVSKY, H. *Dicionário básico Português-Hebraico/Hebraico-Português*. São Paulo: Tnuat Aliá, 1988.

